

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E EVASÃO ESCOLAR

Vanessa Therezinha Bueno Campos*

RESUMO: *“Esta pesquisa consistiu num estudo de caso no Ambulatório de Adolescentes Grávidas (A.A.G.), do Hospital de Clínicas/UFU, na cidade de Uberlândia - MG, onde, a partir de reuniões semanais com adolescentes grávidas que procuram o Ambulatório, buscaram-se subsídios para entender sua realidade e verificar se existe relação entre gravidez na adolescência e evasão escolar.*

O estudo revelou que a maior parte das jovens entrevistadas deixaram a escola durante o processo da gravidez, alegando vergonha da situação. O imaginário escolar, por sua vez, evidenciou uma estrutura pedagógica despreparada para prevenir, intervir e enfrentar a problemática, contribuindo direta ou indiretamente para excluí-las, através de um mecanismo de rejeição que opera duplamente: a escola não aceita diferenças e as alunas não aceitam a escola tal como ela funciona.

Analisar as declarações destas jovens grávidas significou mergulhar na sua realidade afetiva, familiar e escolar, assistir ao desenrolar de dramas, conflitos, medos, expectativas e alegrias. Representou acima de tudo, a necessidade de repensar a formação do educador e o papel da escola, sobretudo a questão de como verdadeiramente os pressupostos de uma Educação Sexual podem contribuir para permitir a busca pela autonomia destas jovens, sem desconsiderar seus sonhos.”

ABSTRACT: *“THIS STUDY consists of a case study done at the ‘Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia’s’ (1) out-patient clinic for pregnant teenagers, in the city of Uberlândia – Minas Gerais, which aimed to become thoroughly familiar with pregnant teenagers’ realities, who were involved in weekly meetings at the clinic, and verify whether there exists any co - relation between early pregnancy and school evasion.*

* Mestranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Uberlândia e Professora no Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica.

¹ Clinic Hospital sponsored by the Federal University of Uberlândia

The study reveals that most of the girls involved left school while they were expecting their babies, due to shame of their current situation. The school system showed up an unprepared pedagogic structure to prevent, to intervene or to face the problem, contributing directly or indirectly to exclude these girls from the school system, through a twice-rejection mechanism: (a) school doesn't take differences and (b) the schoolgirls don't take school as it works.

Analysing the girls' statements meant to become deeply aware of their affective, familiar and scholar lives, as well as to watch solving problems, conflicts, fears, expectations and joys.

To conclude, this study stresses the need of rethinking about the school's role and teacher's formation and, above all, how much Sexual Education presuppositions could monitor these girls' autonomy, regarding their dreams.

INTRODUÇÃO

“... Em casa, na escola e na rua ensinaram-me como não ser feliz. Deram-me proteção em troca de obediência e chamaram isso de amor. Exigiram-me sinceridade, mas proibiram-me a expressão dos sentimentos. Eu disse não e dizem que sou louca ...”

Rita Barreto (1993).

A fase de vida que compreende a adolescência representa um universo amplo, rico em emoções, opções, conflitos, tendências e escolhas que não pode ser desvinculado do contexto social. Entretanto, as experiências vividas por adolescentes dos estratos operários diferem das experiências dos jovens das classes média e alta.

Os temas gravidez precoce e evasão escolar evidentemente são polêmicos, e atualmente vêm sendo discutidos de forma ampla, em função do alto índice assinalado em dados estatísticos em todo o território brasileiro, principalmente na população de baixa renda. É, pois, a partir desta problemática, que se buscou estabelecer parâmetros para analisar se existe relação causal entre evasão escolar e gravidez na adolescência.

2. OBJETIVOS

A partir dos registros das reuniões semanais no A.A.G.- HC/UFU, dimensionou-se esta pesquisa tendo por meta atingir os seguintes objetivos:

1. Verificar se a evasão escolar se dá antes, durante ou após a gravidez, assim como os motivos e perspectivas com relação à continuidade dos estudos;
2. Reconhecer a situação de jovens grávidas dentro do contexto social, familiar, escolar e de trabalho, captando a noção de sua identidade social e sexual;
3. Identificar as mudanças ocorridas em consequência da gravidez;
4. Diagnosticar o grau de informações das adolescentes quanto à sexualidade;
5. Verificar, nas escolas em que estas adolescentes estudam ou estudavam, como é tratado o processo evasivo, bem como a questão da educação sexual - explícita ou implícita.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no período de 1995 e 1996. Para melhor dimensionar a análise quantitativa e qualitativa, o estudo foi estruturado em cinco etapas distintas e sucessivas.

Num primeiro momento, trabalhou-se o referencial teórico que conduziu a análise dos vários aspectos biológicos, psicológicos, cognitivos e emocionais que caracterizam a adolescência. Essa fundamentação teórica baseou-se em autores como Vitiello (1986), Tiba (1994), Takiuti (1993), Suplicy (1983), Chauí (1994), Barroso (1986), Becker (1994), Guimarães (1995), Ribeiro (1993), Patto (1993), Freire (1982), Mota (1991), Cândido (1979), Saviani (1992), Foucault (1985), entre outros, para articular temas aparentemente distintos, na tentativa de elucidar a problemática proposta por esta pesquisa - gravidez na adolescência e evasão escolar: relação causal. Foi perceptível, ainda no levantamento bibliográfico, ser a área de saúde a que mais se tem preocupado com a questão da adolescente grávida.

O segundo momento, base maior desta pesquisa, ocorreu no Ambulatório de Adolescentes Grávidas, HC/UFU, nas reuniões semanais do programa de atendimento às adolescentes grávidas. Durante os oito meses de pesquisa (março a outubro de 1995), em vinte e nove reuniões (uma por semana), participaram 45 adolescentes grávidas e, destas, 38 colaboraram com este trabalho.

O trabalho realizado no A.A.G. exigiu o uso de algumas técnicas de pesquisa. Fez-se uso de observação e anotações em diário de campo, entrevistas abertas, guiadas geralmente pelo tema abordado durante a semana, e aplicação de um questionário. As reuniões não obedeciam a uma programação prévia dos assuntos a serem tratados, sendo estes definidos a partir do interesse das jovens no momento dos encontros.

Ao término das reuniões efetivava-se o atendimento pré-natal, limitando o tempo de contato com as adolescentes. Através destes instrumentos foi possível conhecer um pouco da vida, desejos e ansiedades delas, bem como a escolaridade, noções de sexualidade, condições sócio-econômica e cultural.

Para complementar os dados obtidos nessas reuniões, buscou-se cumprir uma terceira etapa da pesquisa, que consistiu em uma pesquisa documental. As fontes de coletas usadas foram: I.B.G.E., a 40ª Quadragésima Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia e a Secretária Municipal de Educação do município, que forneceram dados sobre a situação escolar da faixa etária que compreende a adolescência (11 a 19 anos) e sobre as escolas da rede pública e particular da zona urbana de Uberlândia, de Minas Gerais e do Brasil.

A quarta etapa deste trabalho representou o momento de análise dos dados coletados. Para facilitar a compreensão das análises, as adolescentes foram classificadas segundo os dados de evasão, evidenciados no codinome das informantes, de acordo com a seguinte chave:

1. Nomes iniciados pela letra “**C**”: identificam as adolescentes que *Continuaram* seus estudos durante a gravidez;
2. Nomes iniciados com a letra “**A**”: identificam as adolescentes que declararam ter parado de estudar *Antes* da gravidez;

3. Nomes iniciados com a letra “**D**”: identificam as adolescentes que se evadiram da escola *Durante* a gravidez.

Realizou-se, ainda, uma quinta e última etapa nesta pesquisa, que não estava prevista no projeto, mas que se impôs como uma necessidade: visitar as escolas indicadas pelas adolescentes do A.A.G., ou seja, as escolas onde estudavam ou tinham estudado. Do total das 38 indicações, 76% eram escolas da rede pública urbana de Uberlândia, 16%, de outras cidades de Minas Gerais e outros Estados, 5%, da rede pública rural, nenhuma da rede particular e 3% não declararam.

Destas escolas, foram selecionadas 19 da rede pública urbana de Uberlândia para coleta de dados, procurando-se evidenciar o imaginário das escolas através dos seus docentes. Para a obtenção destes dados, foram elaborados dois questionários para cada escola, destinando-se um para a(s) pessoa(s) encarregada(s) da administração escolar e orientação pedagógica e outro para um professor, selecionado segundo critérios de cada instituição.

4. RESULTADOS

O Hospital de Clínicas da UFU atende a maior parte da população de Uberlândia e região, sendo considerado o maior em termos de espaço físico e número de leitos e médicos, e é na maternidade desse hospital que a grande maioria das jovens na faixa etária de 11 a 19 anos dão à luz.

Verificou-se, neste hospital, que o número geral de partos correspondente a esta faixa etária, nos últimos seis anos (1990 - 1995), perfaz um total de 3.391. É importante perceber, ainda, a distribuição destes números, tomando por referência a idade das adolescentes, pois constatou-se que a maior incidência de partos se situa na faixa etária de 15 a 19 anos, correspondendo a 95,59% dos partos das adolescentes no período.

Os dados encontrados junto às adolescentes do A.A.G. sobre a idade na época da ocorrência da gravidez evidenciaram que a maior incidência se dá dos 13 aos 17 anos (92,08 %). A grande incidência de gravidez na adolescência reflete, sobretudo, mudanças de costumes, uma vez que a virgindade já não tem a mesma conotação de algumas décadas atrás, bem como a repressão, a desinformação das jovens sobre o próprio corpo e o uso

não correto de métodos contraceptivos. Tal fato pode ser constatado nas seguintes afirmativas das jovens:

“... foi uma surpresa a gravidez (...) No começo achava que, sendo virgem, não pegava filho (...) juro que não sabia que transar podia engravidar (...) Depois a gente usava camisinha (...) acho que fiquei grávida quando tava menstruada...” (Andreia, 16 anos).

“... eu sempre conversei estas coisas de sexo com a minha mãe, mas eu achava que sendo virgem não pegava filho (...) Isso eu não perguntei pra ela (...) Não usei nada pra evitar (...) A primeira vez eu tinha 13 anos. Não gostei muito não, mas eu gostava muito dele (...) Agora ele me largou ...” (Alzira, 15 anos).

Observou-se que a adolescência carente, especificamente a que se tornou objeto de estudo no A.A.G., tem características inerentes ao desenvolvimento físico e emocional com comportamentos e posturas perante a vida bastante diferentes dos de adolescentes das classes média e alta.

Deve-se levar em conta que as diferenças realmente são acentuadas e definidas pelas diversas culturas, crenças, costumes, condições políticas e econômicas, que estratificam as sociedades em camadas e determinam as condições de vida de seus indivíduos. Para melhor compreender esses aspectos, as “falas” a seguir demonstram o “pensar adolescente”:

“... Eu não tive tempo pra saber a diferença de ser criança, comecei a trabalhar muito cedo, pra ajudar em casa. Acho que só vi que tinha crescido quando me formei moça ...” (Adriana, 14 anos).

“... eu gosto de ser assim (...) acho que sou meio louca (...) dou risada por qualquer coisa (...) É dureza estudar, trabalhar e agora meu filho (...) queria ter uma vida melhor ...” (Camila, 15 anos).

As jovens grávidas do A.A.G., a partir da menarca sentem-se ‘adultas’, ou, pelas suas palavras “*formam-se moças*”, ficando desta forma autorizadas, segundo seus critérios, a terem a sua primeira relação sexual. De acordo com as informações dessas adolescentes, pôde-se perceber que a idade da menarca, ocorreu com maior incidência na faixa etária que vai dos 11 aos 13 anos, representando 76,31 % do total das declarações.

Há ainda um aspecto fisiológico que tem sido comumente lembrado pelos estudos relativos ao aumento da incidência de gravidez em adolescentes. Trata-se do amadurecimento sexual precoce observado em diversas partes do mundo. Tal fato pode ser constatado pelo registro de dois casos ocorridos com adolescentes do A.A.G., que declararam terem tido a primeira relação sexual antes da primeira menstruação:

“... quando eu morava lá na roça, a vida era muito difícil (...) nós aprende com a vida (...) A primeira vez que eu tive com um homem, eu tinha 10 anos. Ele tinha uns vinte, eu acho (...) eu formei moça com doze. Lá as menina começa na vida muito novinha...”(Anelise, 17 anos).

“... a minha primeira vez , eu tinha de 9 para 10 anos. Foi com um vizinho (...). A gente

ficava brincando e aí aconteceu (...) eu gostava muito dele (...) não sei como não peguei filho (...) Ah, eu fiquei moça com uns 11 anos ...” (Ana, 13 anos).

As adolescentes pesquisadas pertencem à classe baixa, sendo que a renda familiar média mensal declarada fica entre 1 e 5 salários mínimos. Moram em bairros da região periférica de Uberlândia, algumas em bairros próximos ao HC/UFU. Apenas 15,78% das jovens responderam que moram em casas próprias, suas ou da família, e as restantes (84,22%) residem em casas alugadas. 50% das 38 adolescentes pesquisadas declararam que trabalham como domésticas ou balconistas e que recebem de meio a um salário mínimo.

Quanto ao estado civil das adolescentes do A.A.G., verificou-se que a maior parte permanece solteira (42,11%) e somente 13,16% casaram-se oficialmente. O restante das declarações revelou que 39,47% optaram por ‘ficar junto’ com o pai de seu filho, estabelecendo uma relação mais flexível, ou seja, não assumem, na maioria das vezes, um compromisso de conviverem permanentemente com seus namorados - continuam a morar, cada um, com sua respectiva família.

A maior parte das adolescentes que se casaram, ou ‘juntaram-se’ com o namorado, afirmaram morar em cômodos nos ‘fundos’ da casa de seus pais. As jovens solteiras continuam a morar com sua família. A seguir algumas de suas respostas quanto à condição civil:

"... quando minha família ficou sabendo que eu tava grávida, obrigou a gente a casar. Eles não gostavam dele, mas mesmo assim me obrigaram a casar..." (Diana, 17 anos).

"... acho que mudei muito depois que casei. Antes a minha vida era melhor, saía mais, ia passear (...) a vida de casado é uma coisa só, uma rotina. Agora é muita responsabilidade e um monte de contas para pagar ..." (Dorotéia, 18 anos).

"... não sou casada não. Depois que o pai do filho ficou sabendo que eu tava grávida, terminou tudo, depois da gente estar junto um ano (...) fiquei muito triste, ele me magoou muito, dói muito porque ele disse que o filho não era dele (...) não tenho vergonha de ser mãe solteira (...) pra tá junto de alguém tem de gostar muito (...) agora só quero saber do meu filho ..." (Arlene, 15 anos).

Todas, sem exceção, declararam que no princípio a família achou muito ruim o fato de terem engravidado. Apesar de toda a 'confusão' familiar e após passado o primeiro 'susto', a família as aceita e as apóia, mas afirmam que notaram um tratamento diferente depois que engravidaram, quer seja preconceituosamente ou com a conotação de pena por serem tão jovens.

"... no começo, quando meus pais ficaram sabendo da minha gravidez, foi um Deus nos acuda. A minha mãe disse que achava que eu estava diferente, foi ela que contou pro meu pai. Ele levou um choque, ficou muito abalado, magoado e ficou uns tempos sem falar comigo. Agora acho que ele está mais conformado (Dalila, 15 anos).

"... a minha mãe falou tanto (...) ela não queria que eu pegasse barriga. Mas agora ela está adorando a idéia de ser 'tia'. Ela fala que não tem idade para ser avó, ela tem 39 anos, é muito nova (...) Quando o neném nascer acho que as coisas vão melhorar..." (Dulce, 15 anos).

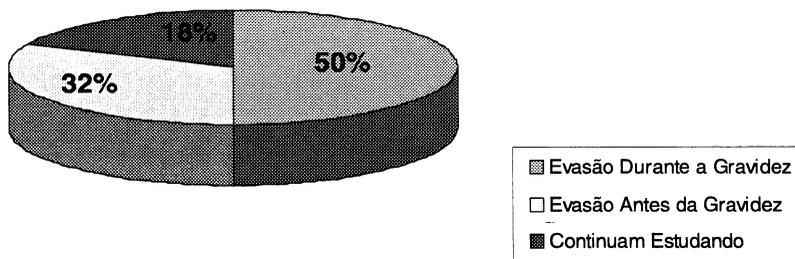
A gravidez precoce revelou ainda que o meio sócio-cultural no qual as jovens estão inseridas interfere sobremaneira na formação de suas identidades. Um aspecto relevante na vida das adolescentes pesquisadas foi a freqüente referência às mães, parentes próximas e amigas que engravidaram precocemente também. Portanto, o fato de serem mães em idades cada vez mais baixas não constitui, de certo modo, preocupação para as adolescentes, pois, no contexto cultural vivido, a gravidez precoce é vista como um fato 'natural'.

“... eu penso que para se ter um filho, não tem idade ideal, tem que ter muita coragem...” (Dulce, 15 anos).

“... fiquei grávida com 14 anos. A minha avó e minha mãe também ficaram grávidas com a mesma idade que eu (...) Acho que não sou tão nova assim (...) tomo conta dos meus irmãos faz um tempão, até trabalhei de babá (...) Qualquer coisa a minha mãe me ajuda...” (Adriana, 14 anos).

Constatou-se que 7 (18,42%) das 38 adolescentes entrevistadas continuam os estudos. Um grande número das jovens, 19 (50%), evadiu da escola durante o processo de gestação e 12 (31,57%) deixaram a escola antes da gravidez. Somando-se estes dois últimos dados percebe-se que a grande maioria (82%) está fora da escola. Estes dados evidenciam, sem dúvidas, um quadro caótico da situação educacional, que, em outras palavras, pode ser qualificado como de *fracasso escolar*, como demonstra o gráfico a seguir.

ESCOLARIDADE DAS ADOLESCENTES DO A.A.G. - 1995



Na seqüência destacam-se nas falas das adolescentes os motivos da evasão ou da permanência na escola:

1. PORQUE SAÍ DA ESCOLA ANTES DA GRAVIDEZ :

“... Eu saí da escola antes de ficar grávida, na 5ª série (...) saí porque eu quis, não queria mais estudar (...) aprendo melhor com a vida (...) a escola não ensina nada da vida ...” (Alzira, 15 anos).

2. PORQUE SAÍ DA ESCOLA DURANTE A GRAVIDEZ:

“...saí da escola depois que fiquei grávida. Acho que a escola não aceita a menina quando ela tá grávida (...) Uma mulher grávida não dá para estudar (...) acho que a grávida não aprende. Quem não está grávida não esquenta a cabeça, é mais fácil (...) Depois que o bebê nascer vou voltar pra escola. A minha mãe vai ajudar ...” (Denize, 15 anos).

“... deixei a escola quando soube que estava grávida (...) Fiquei com vergonha, todo mundo comentava (...) Não tenho mais amigas, depois que fiquei grávida (...) também eu não gosto de estudar. Já fiz um monte de recuperação e já tomei bomba.

(...) Eu não quero voltar não (...) meus pais querem que eu volte, dizem que vão tomar conta do bebê, mas eu não quero. Não sei se vale a pena estudar tanto assim na vida (...) quero cuidar bem do meu filho ...” (Dalila, 15 anos).

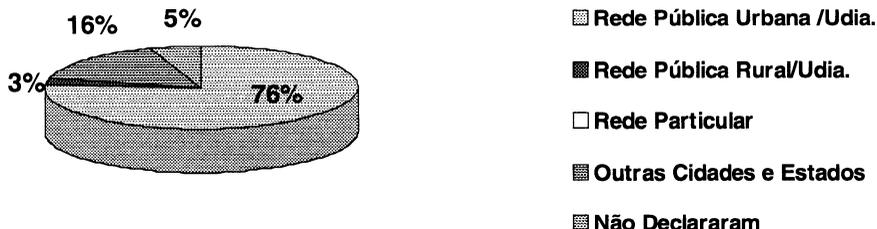
3. PORQUE CONTINUO NA ESCOLA MESMO GRÁVIDA :

“... Eu não penso em parar de estudar. Pra mim é muito importante, ainda mais agora que fiquei grávida (...) Só vou poder realizar o sonho da minha vida se estudar (...) quero ter um bom emprego e ter dinheiro pra dar de tudo pro meu filho ...” (Célia, 16 anos).

“... Estudar é muito importante, porque sem estudo a gente não pode ter um serviço melhor (...) Não é bom ser doméstica. Quero um futuro melhor pra mim e para o meu filho (...) Se eu pudesse voltar no tempo, seria diferente ...” (Angélica, 17 anos).

No total das declarações feitas pelas adolescentes do A.A.G., foram indicadas 38 escolas, sendo que destas foram selecionadas 19 da rede pública, zona urbana, de Uberlândia para coleta de dados, procurando evidenciar o imaginário das escolas através dos seus docentes.

TOTAL DE ESCOLAS INDICADAS PELAS ADOLESCENTES -1995



Fonte: AAG - HC/UFU (1995)

De um modo geral, os educadores têm posturas estereotipadas e repressivas sobre a problemática da gravidez na adolescência, advindas de sanções de ordem religiosa, moral e ideológica.

As declarações dos educadores entrevistados denotam que a gravidez na adolescência estaria diretamente relacionada com a pobreza e as condições sociais, com a fragmentação familiar, ou, ainda, com a *'irresponsabilidade'* da jovem grávida, decorrente das *'perturbações'* ou inquietações físicas da puberdade, que levam à *'curiosidade sexual'*. Nesse sentido a escola pouco pode fazer, segundo declarações de alguns profissionais da educação:

"... a jovem se envolve emocionalmente com o namorado, só que não tem informação sobre sexo e gravidez (...) muitas vezes a curiosidade sobre sexo (...) a televisão também tem contribuído muito com aqueles filmes ..."
(Orientadora Educacional, 40 anos).

"... é um problema social e familiar. Falta de orientação e informação correta..." (professora eventual, 43 anos).

"... não sei de quem é a culpa (...) aqui nesta escola não temos este tipo de problema (...) isto acontece com as meninas mais pobrezinhas (...) acho que é por causa das condições econômicas da família (...) pouca instrução dos pais (...) que a escola pode fazer ? (...) não sei ..."
(Vice - Diretora, 43 anos).

"... isso acontece mais no noturno (...) a culpa é delas mesmas (...) desculpe a palavra, mas tem umas meninas, que quando entram na

adolescência parece que estão no cio (...) que fogo (...) os meninos ficam atrás delas (...) com aquelas roupinhas (...) acabam ficando grávidas mesmo (...) quem procura acha ...” (Vice-Diretora, 55 anos).

CONCLUSÃO

O processo de evasão tem sido concebido historicamente como um problema individual do aluno frente às exigências escolares. As poucas tentativas de escapar desse julgamento atribuem, em geral, o fracasso às condições anteriores e externas à escola, como as desigualdades sociais, econômicas e culturais. Evidentemente, estes fatores interferem consideravelmente no processo, entretanto desconsiderar que as práticas escolares não influem nesse quadro, não o determinam nem contribuem para que ele permaneça inalterado é um pressuposto no mínimo ingênuo e equivocado.

Patto (1993) afirma que o fracasso escolar é administrado por um discurso científico que, escudado em sua competência, naturaliza esse fracasso aos olhos de todos os envolvidos no processo, legitimando a exclusão.

A escola e a adolescente, diante dos pressupostos evidenciados nesta pesquisa, tornam-se vítimas de um processo fragmentado e contraditório, na medida em que a educação escolar não concorre para que as jovens compreendam o seu mundo vivido, e que essas, por sua vez, submetam-se à condição de excluídas, limitando as possibilidades de transformarem o seu meio social e cultural.

A partir de um modelo escolar e social preconcebido e preconceituoso, erguem-se muros que incitam os educandos a deixarem a escola, desde as crianças nas séries iniciais até os *'inconformados'* adolescentes que anseiam pelo novo. Quando a escola, a família e o meio social insistem em *'controlar'* essa rebeldia, sufocam toda a energia criativa, a vida e a sexualidade do ser em construção, relegando-os a um *'submundo'* social e escolar.

O sistema escolar atribui a culpa do fracasso única e exclusivamente aos alunos, mas, e no caso de gravidez precoce, os *'culpados'* são muitos, e a escola, que tem tantos problemas a enfrentar, relega as conseqüências à própria *'autora'* do problema - a adolescente - ao afirmar que a escolha é da jovem em continuar ou não os estudos.

Através da pesquisa efetivada junto às escolas públicas de Uberlândia - MG, constatou-se que os educadores, em sua maioria, destacam a importância do tema sexualidade na escola, mas têm um certo receio e sentem-se despreparados para enfrentá-lo, encarando a sexualidade como um '*grande problema*'. As opiniões declaradas por esses educadores acerca da Educação Sexual nas escolas dividem-se em dois grupos distintos:

1. Em algumas escolas, segundo seus critérios elaborados sobre os '*problemas adolescentes*', defendem a idéia de que a Educação Sexual não é papel da escola e sim da família;

2. Outro grupo de escolas entende que devem apenas ser trabalhadas algumas informações sobre 'sexo' nos últimos anos do 1º grau, pois afirmam que discutir sobre sexualidade constitui de certo modo incentivo para que '*se transe abertamente*'. Como solução, esses profissionais propõem que sejam oferecidas aos alunos informações que permitam um conhecimento seguro sobre sexo, ou seja, a descrição interna e externa dos órgãos sexuais e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, por intermédio das aulas de Ciências.

É lamentável que se pense a Educação Sexual como responsabilidade apenas do professor de Ciências, quando na verdade deveria ser tarefa do conjunto de profissionais que atuam na escola em parceria com a comunidade. Contudo, transfere-se para a instituição escolar a responsabilidade de 'educar sexualmente' crianças e adolescentes, sem que essa instituição se encontre preparada para exercer essa faceta da dimensão educacional.

Mediante estas considerações, concluiu-se que os sistemas social e escolar têm participação intrínseca na problemática da gravidez na adolescência e na evasão. As adolescentes do Ambulatório de Adolescentes Grávidas do Hospital de Clínicas da UFU que evadiram durante a gravidez revelam a marginalização que a escola e seus integrantes, explícita ou implicitamente, impõem à suas alunas grávidas, acentuando o sentimento de culpa, manifestado pela vergonha.

Este estudo revelou a existência de relação causal entre gravidez na adolescência e evasão escolar, na medida em que a escola não contribuiu, em nenhuma das situações apresentadas, para a permanência das jovens grávidas

na escola, e, quando estas optaram pela continuidade dos estudos, o fizeram visando somente o preparo para o mercado de trabalho.

É pois, nesta perspectiva, que se questiona a educação instituída na maior parte das escolas aqui evidenciadas, uma vez que estabelecem a sua *práxis* descontextualizada da realidade vivida pelas adolescentes grávidas, impossibilitando às suas alunas um aprendizado transformador, para a vida e com a vida. Para a jovem Carolina (14 anos), aprender transcende os limites da educação escolar “... aprendi muitas coisas depois que engravidei. Fui aprendendo com a vida, aos pouquinhos fui aprendendo ...”

Refletir acerca da gravidez na adolescência como fator de evasão escolar significou repensar todo o processo de ensino-aprendizado e a relação educador-aluno, e, sobretudo, como a escola pode viabilizar a estas jovens o direito de conjugarem o verbo “*adolescere*”, que quer dizer amadurecer, transformar-se, florescer, possibilitando criarem vínculos afetivos com quem convivem para que possam sentir, pensar, agir, amar e viver ...

Sem dúvida a Educação Sexual nas escolas não representa a solução para os ‘problemas adolescentes’, como também não pode erradicar a evasão escolar em função de uma gravidez adolescente, entretanto poderá ser uma resposta frente às novas exigências decorrentes das mudanças sociais e educacionais que vêm ocorrendo nas últimas décadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Rita. Artepoesia. In: RIBEIRO, Marcos et alii. *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. P. 175 - 176.
- BARROSO, Carmen et alii. *Gravidez na adolescência*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Brasília: UNICEF - IPLAN / IPEA, 1986.
- BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CÂNDIDO, Antonio. A Estrutura da Escola. In: PEREIRA, L. e FORCCI, M. *Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação*. 10 ed. São Paulo: Nacional, 1979.

- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FOCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A Vontade de Saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GADOTTI, Moacir. *Uma só escola para todos. Caminhos da autonomia escolar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- GUIMARÃES, Isaura. *Educação sexual - mito e realidade*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995.
- MOTA, Maria V. Soares. *A sexualidade silenciada na escola*. Fortaleza: Dissertação Defendida no Programa de Mestrado em Educação / UFC, 1991.
- PATTO, M. Helena S. *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1993.
- RIBEIRO, Marcos et alli. *Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas. São Paulo: Autores Associados, 1992.
- SUPLICY, Marta. *Conversando sobre sexo*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- TAKIUTI, Albertina. *A Adolescente está ligeiramente grávida e agora? - Gravidez na Adolescência*. São Paulo: Iglu, 1993.
- TIBA, Içami. *Adolescência: o despertar do sexo*. São Paulo: Gente, 1994.
- VITIELLO, Marli T. & LOUREIRO, Geraldo R. Jr. "Aspectos Sociopolíticos da Sexualidade na Adolescência". In: *Sexologia II - Comissão Nacional de Sexologia da FEBRASGO*. São Paulo: Roca, 1986.